



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16749 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

DOCÊNCIAS LGBTQIA+: ABJEÇÃO E ALIANÇAS AO SUL DO MUNDO
 Edgar de Barros Santos - UFOP - UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

DOCÊNCIAS LGBTQIA+: ABJEÇÃO E ALIANÇAS AO SUL DO MUNDO

Introdução

Considerando as minhas experiências enquanto professor atuante há mais de dez anos no ensino público, essa pesquisa partiu da hipótese de que existiria uma ressonância entre os meus processos de subjetivação e os de outros/as professoras/es LGBTQIA+ que, assim como eu, atuam no ensino básico. Nessa perspectiva, buscando ressonância, foquei meu trabalho e meus afetos de bicha afetada para uma análise escreviente de cinco narrativas de jovens professores/as LGBTQIA+ que se formaram, assim como eu, no curso de Artes Cênicas de uma universidade federal de Minas Gerais e que lecionam conteúdo de artes no ensino de base. Tentei entender quais técnicas, estratégias, relações de poder, sistemas implícitos e/ou métodos nos revelariam essas narrativas. Desde modo, produzi uma dissertação de mestrado a partir de determinadas questões. Quais saberes estaríamos produzindo, na lida do dia, que poderiam nos ser úteis coletivamente? O que uma arte de sobreviver imersos na lama LGBTQIA+fóbica poderia nos ajudar a construir de artefato com esse barro? E que bafo, que babado seria esse para educação? Tais questões, mais do que respostas, eram apresentadas como posições escritivas em busca de deslocamentos epistemológicos e políticos do fazer docente.

Método Utilizado

Existiram quatro gestos metodológicos nessa pesquisa: a escrevivência (EVARISTO, 2020) como modo de produção textual que evidencia a opacidade das narrativas, dialogando-as; a Autobiografia Escreviente, como modo de agenciar a minha própria narrativa; a Entrevista Narrativa, como modo de agenciar a narrativa das demais pessoas que participaram da pesquisa; e a análise dessas tramas discursivas a partir de uma perspectiva teórico/metodológica que acabamos por chamar de “perspectiva *queer*-situada”. Nessa perspectiva, “*queer*” representa a crítica às normas de gênero e seus binarismos e categorizações produtoras dos processos de abjeção (BULTER, 2020). Por outro lado,

"situado" refere-se ao olhar interseccional e contextualizado proporcionado pela perspectiva decolonial, reconhecendo a influência da colonização e da matriz colonial do poder (MIGNOLO, 2017) na construção de nossas identidades, em nossos modos de subjetivação (FOUCAULT, 2021), bem como em nossas práticas educacionais enquanto LGBTQIA+ do Sul do Mundo.

Discussão

Através de nossas investigações, pudemos constatar a atuante agência do que podemos identificar a partir de Lugones (2020), como sistema colonial/moderno do sexo/gênero/raça/classe. Nesse cenário, a escola atuou como uma instituição de controle, operando com tecnologias disciplinares para a fabricação de um determinado modelo de governo da subjetivação: a colonialidade do ser (MIGNOLO, 2017). É nesse contexto que o *queer* desempenha um papel significativo, uma vez que se concentra na crítica ao processo de abjeção, estabelecendo um diálogo ativo com o pensamento decolonial. Primordialmente, o que discutimos é o próprio processo de subjetivação a partir dos modos/dimensões estabelecidas nas pesquisas de Foucault (2021): subjetivação através de um processo de assujeitamento e o gesto de autonomia frente a esses poderes. Para Fernandes (2019) esse encontro entre as ideias de colonização e abjeção tem o potencial de proporcionar uma poderosa crítica epistemo/política ao racismo e à heteronormalização compulsória como políticas estatais.

Resultados

Desta perspectiva teórica tensionada e das tramas discursivas produzidas nesta pesquisa, propomos os seguintes eixos da análise:

- 1) a constituição do sujeito atrelada ao assujeitamento às normas que o antecedem, atravessam e fabricam;
- 2) a constituição identitária a partir do momento de uma tomada de agência dos próprios sujeitos nesse processo de subjetivação;
- 3) a articulação dessas fases no contexto do trabalho escolar, ou seja, os modos pelos quais essas duas dimensões acontecem no fazer-se professor/a.

Focando nesse terceiro momento, a priori vemos um distanciamento e/ou tentativa de isolamento entre a produção de uma prática professoral e o sujeito professor/a. Um disjuntivo binário onde tendemos a tentar manter e preferiremos enxergar nossa prática como neutra. O que chamaremos de produção do corpo/sujeito “Professor Pedaco”. Um tipo de sujeito que supostamente desinteressado, sem desejos e sem objetivos que não sejam os do conteúdo, que fabrica um ser alijado de parte de si mesmo. Isto parece como uma técnica para proteger suas cicatrizes da atmosfera LGBTQIA+fóbica que ainda encontramos na escola. Um ser que tenta manter uma consciência ética e crítica dentro de uma postura amputada de si mesma, que busca por práticas de liberdade em sala de aula negando a situação do seu corpo/sujeito (generificado, sexuado, racializado) naquele espaço/tempo.

Como podemos entender a partir de Butler (2020), a abjeção de nossos corpos/sujeitos como forma de subjetivação, nos lançará para fora como produto excretado. Situando esse processo pela escrita de Anzaldúa (2019) podemos entender tal movimento de abjeção como a ferida colonial que nos lança para o estado de fronteira. Esse será o local de onde operaremos uma virada nos nossos modos de ser/estar na escola. Enxergamos esse movimento surgir de um elemento que, a partir de Foucault (2021), entendemos como a coragem da verdade: um trabalho sobre si que está compromissado com um dizer/viver

verdadeiro. Esse será o nosso elemento de ruptura com a cadeia de signos e valores assujeitadores herdados por nós na cultura escolar. A atitude pela qual daremos início a uma virada possível em nossos processos de subjetivação. A coragem da verdade acaba por possibilitar para nós professores/as LGBTQIA+ a formação de uma rede: uma comunidade pedagógica (hooks, 2017). A fronteira da abjeção, torna-se o local da fabricação de uma determinada prática pedagógica de aliança.

Conclusões

É importante destacar que as ideias pedagógicas oriundas do contexto colonial ainda persistem em nossas práticas educacionais até os dias atuais (SAVIANE, 2021). Diante desse cenário, uma perspectiva *queer* e situada pode se mostrar como ferramenta potencialmente agregadora para compreender essa complexidade de questões que envolvem as relações de poder quando pensamos as LGBTQIA+ na educação ao sul do mundo. Ao adotarmos essa perspectiva para fazer as discussões, acabamos por conseguir enxergar as nuances do que poderíamos chamar de uma docência situada: tecnologia surgida dos contextos das dinâmicas de poder, dos modos de subjetivação, estabelecidas entre nós professores/as e estudantes LGBTQIA+ na sala de aula ao sul do mundo.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência. In: HOLLANDA, Heloisa B. (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 323.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa B. (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 52.

MIGNOLO, Walter D. **Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade**. 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: **Epistemologias do Sul**. Org. SANTOS, Boaventura de S; MENESES, Maria P. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2021.

Palavras-chave: educação, queer, decolonialidade.